



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 10, Issue, 09, pp. 40244-40247, September, 2020

<https://doi.org/10.37118/ijdr.20048.09.2020>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

O CARNAVAL NO MARANHÃO: SÃO LUÍS, TERRA DE FESTANÇAS E FESTEJOS

***Maysa Leite Serra Dos Santos**

Mestra em História, Ensino e Narrativas – UEMA e professora de Artes da SEMED – Paço do Lumiar/ Ma

ARTICLE INFO

Article History:

Received 11th June 2020

Received in revised form

06th July 2020

Accepted 17th August 2020

Published online 29th September 2020

Key Words:

Carnaval; São Luís; Diversidade Cultural; Festa Popular.

*Corresponding author:

Maysa Leite Serra Dos Santos

ABSTRACT

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão e tem como objetivo descrever a história do carnaval maranhense a partir da diversidade de suas brincadeiras. Nesse processo, apresentaremos a estrutura da folia momesca maranhense em 03 fases distintas: o Carnaval Colonial, relacionando ao processo de colonização, o Carnaval de Cordões, responsável pelo ápice no cenário nacional devido à abrangência das brincadeiras como curso, pierrôs, colombianas, fofões e baralhos e o Carnaval do Samba onde mostra as influências das turmas de samba.

Copyright © 2020, Maysa Leite Serra Dos Santos. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Maysa Leite Serra Dos Santos. 2020. "O carnaval no maranhão: são luís, terra de festanças e festejos", *International Journal of Development Research*, 10, (09), 40244-40247.

INTRODUCTION

Desde meus tempos de meninice, faço parte da folia momesca em São Luís, época carnavalesca era um "fuá" em nosso bairro, os adultos enfeitavam a rua e disputavam quem colocava a música mais alta e nós, as crianças do Codozinho, disputávamos quem ficava mais sujo de maisena e fizesse também o rodó mais fedorento para lambuzar os desavisados. Sou encantada por essa folia: seus desfiles, seus sambas e as histórias dos praticantes dessa pândega. Não compreendo o carnaval maranhense como uma festividade com o mesmo significado para todos os seus partícipes, mas com capacidade de criar conjunturas para exprimir paridades integrantes como a nacionalidade, a unicidade brasileira, ou no (nosso) caso um folguedo regional. Procuro compreender a pândega maranhense como uma atividade dotada de mudanças, conflitos e movimentos que são intrínsecos da história. Com o propósito de descrever algumas brincadeiras do carnaval maranhense, este trabalho está dividido em três fases distintas:

- 01) o Carnaval Colonial, relacionando ao processo de colonização;
- 02) o Carnaval de Cordões, responsável pelo ápice no cenário nacional devido à abrangência das brincadeiras como curso, pierrôs, colombianas, fofões e baralhos;

- 03) Carnaval do Samba onde mostra as influências das turmas de samba.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e qualitativo, cujo objeto será apreendido enquanto expressão da cultura maranhense, por meio de um amplo estudo com base na análise bibliográfica e documental, cujas fontes serão de ordem primária e secundária. Minayo (2007) sinaliza que a pesquisa qualitativa propicia o processo de construção de novas abordagens, de conceitos e categorias durante a investigação, caracterizando-se pela sistematização gradativa do conhecimento, até que se compreenda a lógica interior do grupo ou do objeto de estudo. Desse modo, ao se analisar a pândega maranhense, enseja-se, compreendê-la à luz dos sujeitos envolvidos, bem como apreender esse fenômeno na sua complexidade, tendo como referência às relações sociais, aos processos sócio-históricos, à realidade complexa, contraditória e em constante movimento. Nesse sentido, o processo investigativo parte do conhecimento teórico que é o estudo do objeto, de sua formação e dinâmica, tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos, das aspirações e representações dos pesquisados (NETTO, 2011). Para o alcance dos objetivos propostos, os

estudos de Martins (2001), Araújo (2001), Silva (2015), entre outros foram consultados para o embasamento teórico sobre o carnaval maranhense e suas particularidades. Diante desta conjuntura, com a realização desse estudo, espera-se contribuir para a sistematização de dados sobre a folia momesca maranhense, subsidiando assim, estudos, discussões e ações que enfatizem o fortalecimento da cultura maranhense.

BRINCADEIRAS DO CARNAVAL COLONIAL

Congo: Segundo o Ananias Martins (2001), no Carnaval Colonial, os grupos de negros africanos que aqui se instalaram misturaram a sua veia de religiosidade com a cultura europeia metamorfoseando assim os seus ritos da Pátria Mãe. Chamada de Congo, antigas epopeias angolas-conguense, misturava características monarquistas com africanas e possuía uma estrutura para passar nas vielas ludovicense. Na dança do Congo, foliando e sacolejando um grupo de negros fazia grande algazarra no casamento da filha do rei, mas a princesa de repente sofre um mal-estar e cai morta no chão. O rei inconsolável por conta dessa tragédia, chama os feiticeiros para ressuscitar sua amada filha. Sobre o corpo inerte da princesa, a magia negra acontece, o feiticeiro assopra fortemente na sua boca e pronuncia palavras encantadas e ela volta à vida. Agora a princesa pertencia aquele homem que lhe devolvera à vida. Tambores, música e cantos propagam a notícia do casamento e seu término era a uma rogação a Virgem Senhora Maria. O Congo, também conhecido como Cocumbis, era a mais dinâmica expressão negra nas ruas e era composto por rei, rainha, arautos, secretários de estado, embaixadores, damas de honra e militares. A cidade de São Luís possuía um cunho muito religioso principalmente nas festas comemorativa aos santos e por causa desses cultos as manifestações acabaram se tornando populares.

Devido ao crescimento populacional ocorrido durante o avanço do plantio do algodão e o aumento das atividades portuárias, surgiram outras manifestações de folguedos no período de transição entre o Colonial e o Imperial tais como: Chegança, Fandango e a Caninha Verde. O Professor Araújo (2001) comenta em seu livro *Não Deixa o Samba Morrer* o caráter dramático dessas brincadeiras:

O Congo, originário direto das irmandades religiosas, especialmente do Rosário, dramatizava a coroação de reis negros e rituais de magia negra, com a ressurreição da princesa morta por uma espécie de feiticeiro, apresentando rica indumentária. A Chegança era uma dança portuguesa desde o século VII, simulando uma luta entre estes e os mouros. No Brasil transformou-se em um Auto. Grupos caracterizados de marinheiros representavam a chegada dos portugueses a tomar a posse da nova terra. Gibão, manto e espada faziam parte do figurino. A Caninha Verde era uma dramatização próxima à das atuais quadrilhas, como um auto de casamento, sendo os reis, os pais da noiva que foge de navio com um pretendente desonesto para Portugal e volta depois desconsolada – O fundamental destes três folguedos, que foram muitos numerosos em São Luís, é o caráter dramático e sua origem essencialmente popular, organizados por escravos e ex-escravos (ARAÚJO, pág. 64, 2001).

Essas brincadeiras exigiam extensos e complexos períodos de preparação, além de gastos consideráveis, a população ficava extasiada com as apresentações glamorosas desses cortejos.

Mesmo tendo uma certa organização, a rua continuava palco de várias outras brincadeiras que na desordem financeira, também usufruíam desse espaço urbano.

Chegança: A Chegança, no Maranhão, também conhecida como Fandango, é descrita por Astolfo Serra (1965) em seu Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão no capítulo Festas e Procissões Antigas que essas encenações eram conduzidas pelos homens das “Irmandades” em desfiles pelas ruas de São Luís. A professora Maria Michol Pinho de Carvalho quando ministrava aulas no Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Maranhão, no qual fui sua aluna, discutia em sala sobre esse folguedo e outros mais. Explicando-nos a importância deles nos festejos de Momo, ficávamos encantados com sua oratória nostálgica que descrevia a história de nossa cidade através dessas brincadeiras. Esse discurso que nos conduzia de forma primorosa a magia de um passado tão peculiar resultou num artigo publicado em 2006, que descreve esta dança dramática em nosso Estado. A “Chegança” do Maranhão é o que em outras regiões brasileiras tem os nomes de “Marujada”, “Chegança do Mouro” e “Os Marujos”, auto coreografado baseado essencialmente na viagem da Nau Catarineta. Segundo Mendengo (2008), o episódio principal desta viagem, é o que está resumido na história em todas suas narrativas de aquém e além mar: o gajeiro. Em São Luís essa “brincadeira” prevaleceu até pelo menos 1910. Essa brincadeira com marujada e espadas simulando uma luta teve grande influência nos carnavais maranhenses. Esse folguedo permaneceu no festejo de Momo até a segunda metade do século XX.

Caninha Verde: A Caninha Verde é de origem portuguesa que consistia numa brincadeira de roda, onde os homens e mulheres se defrontam, cantando e permutando lugares. Aqui em nosso Estado se tornou uma manifestação urbana, sofrendo com isso algumas modificações, é dançada além de São Luís também nas cidades do Vale do Itapecuru. (REIS JÚNIOR, 1980, p.130). A Caninha Verde tem o seu conjunto formado pelo rei, dois príncipes, o mestre, o padre, o sacristão, o carcereiro, o dispensário, o padeiro e a figura burlesca de um beerrão. Essa brincadeira continuou com outras versões carnavalescas predominantes no período de 1940 a 1950. Atualmente em São Luís, ainda se pode ver alguma versão desse brinquedo. Com a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, por volta de 1808, às atenções da elite maranhense se voltaram para a capital brasileira, o Rio de Janeiro, de onde eram absorvidas as modas trazidas pela nobreza cortesã. Um dos costumes assimilados foram os Bailes de Máscaras. (REIS JÚNIOR, 1980, p.130)

Bailes de Máscaras: Os bailes de máscaras serviam de alternativa para a elite local que não queriam se misturar com os escravos, ex-escravos e homens livres pobres. Na verdade, a elite maranhense via esses bailes como uma válvula de escape da agitação e dos jogos do entrudo que tinha o espaço da rua como local de divertimento. Nos Bailes, a elite maranhense encontrou uma forma para se divertir, tendo como espaço, inicialmente, o Teatro São Luís, atualmente Arthur Azevedo. Aconteciam também no Casino Maranhense, situado no centro da cidade, e mais tarde surgiu o Lítero e Jaguarema. (ARAÚJO, 2001, p. 76). Com o passar do tempo, os bailes foram se popularizando, sem deixar de lado o seu requinte. Os clubes mais populares estimulavam a criatividade dos seus frequentadores ao pronunciarem concursos de máscaras que se apresentavam cada vez mais luxuosa. Era um acessório

indispensável para os brincantes. O segredo do sucesso desses bailes, consistia nas fantasias mascaradas que só as mulheres usavam, ocultando totalmente sua identidade, e que funcionavam como subterfúgio de liberação, em uma sociedade com diversos tabus. Clubes como o Paquetá, Pierrot, Marajá, Dragão da Folia, o General da Banda, Vassourinha, Bigorriho, Hawai, Gruta de Satã, Colombina, etc. (ARAÚJO, 2001, p.77). Nessas farras, a música tocada era a polca, a valsa e o xote. No Cassino Maranhense variavam-se os ritmos, tais como: ouverture, sertanejo, tanguinho, ragtime, tango, tango car, galope e cateretê. No ano de 1966, o Prefeito de São Luís, Epitácio Cafeteira, assinou um Decreto proibindo a realização dos bailes de máscaras em toda cidade, fato este que iniciou a sua decadência.

Carnaval dos Cordões: A segunda fase do carnaval maranhense, principiada nos fins do século XIX, foi descrita por Ananias Martins (2000), como o “Carnaval dos Cordões”, que ele descreve como a fase mais rica. Nesse século, as brincadeiras de rua começaram a se diversificar, incorporando novos grupos sociais que iam de pequenos proprietários, pequenos comerciantes a trabalhadores livres que usavam as fantasias para fazer críticas aos serviços públicos. O Professor Fábio Silva (2015), comenta no seu livro *O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás*, as formas de brincar o carnaval desses homens e mulheres, excluídos da participação política e sob condição de pobreza, conseguiam expressar seus anseios e suas necessidades através dos festejos de Momo.

A partir do momento em que os moradores dos bairros periféricos saem às ruas com as suas normas, valores e rituais, tem-se o registro do anseio dessa parcela da sociedade em busca do seu espaço e do seu reconhecimento como produtores de uma cultura. Tais moradores conseguem esse feito através da festa carnavalesca, uma vez que, a partir de suas estratégias, brincam o carnaval de acordo com as suas condições econômicas. A intensidade dessas brincadeiras fazia com que, muitas vezes, personagens da elite da cidade não resistissem às manifestações advindas das camadas menos abastecidas (SILVA, 2015, p.79).

Pode-se deduzir daí o início de uma incrementação da vida urbana e uma espécie de reestruturação da cidade e da população, composta agora de operários, a nova burguesia empresarial, uma classe política centrada na oligarquia e de um clero ainda muito forte. Desse período tem-se o Carnaval dos Cordões, considerado a fase mais diversificada e glamorosa do carnaval de rua que São Luís experimentara. Nesse carnaval das ruas, vielas e praças, os brincantes dançavam e cantavam ao sabor da criação ou de algumas músicas conhecidas. A rua era o palco principal dessas brincadeiras, onde se espalhavam no centro da cidade, oriundas dos subúrbios e dos bairros os cordões de ursos, de fofões, de dominós, de cruz-diabos, de pierrôs, de arlequins, de Baralhos, de macacos, de sujos dentre outros.

O Baralho

O Baralho é uma brincadeira caracteristicamente maranhenses e tinha elementos africanos que se apresentava com mais ímpeto a partir do abrandamento dos laços da escravidão na metade do século XIX. Os negros e negras que participavam do Baralho aproveitavam para fazer críticas aos valores sociais vinculados à escravidão e por isso se pintavam de branco com

tapioca de goma e as mulheres empunhavam sombrinhas, trajavam vestes que imitavam a moda das sinhás e saíam pelas ruas aos requebros. Esses requebros escandalizavam a sociedade elitizada e conservadora da época, surgindo, assim, termos depreciativos como “negras do baralho” e “polvilho do baralho” para se referirem as pessoas que brincavam o folguedo. VIEIRA FILHO, Domingos, 1977, p.28)

Cordão de Urso e Fofão: O Cordão de Urso, brincadeira que representava a intimidade que os carnavais maranhenses tiveram com o circo e o teatro era um auto popular constituído por dois cordões de homens e mulheres, jovens e crianças fantasiados de caboclos, índios, soldados, curandeiros, médicos veterinários, baianas e ciganas. Em meados de 1935, com apresentações teatrais nas casas e nas ruas, o Cordão do Urso era acompanhado de um pequeno conjunto musical essas apresentações tinham em seu elenco de domador, macaco e cachorro. (LIMA, Carlos. 1996. p. 05). Nessa diversidade do “Carnaval de Cordões” temos ainda o Fofão, inspirado em personagens do carnaval europeu. Seria um primo distante do carioca Clóvis, do pernambucano Papangu, do potiguar Ala-Ursa e de tantos outros bonecos animados que fazem parte da folia de Momo brasileira. Com suas vestes coloridas e suas máscaras artesanais confeccionadas em papel machê, esse personagem desfila no carnaval segurando uma boneca na mão em busca de algumas moedas.

Corso e Casinha da Roça: Inspirados no carnaval carioca, o corso maranhense deu início por volta da década de 1920. Eram veículos de carroceria enfeitados em forma de peixe, barco, carruagem. Os cursos de iniciativa de comerciantes, grupos de família e casa de mulheres, davam espetáculos com as batalhas de confetes e serpentinas, que ficaram famosos por deixarem as ruas completamente cobertas de papel. (Martins, 2000). Um símbolo da criatividade ludovicense inspirada no Corso foi a Casinha da Roça, com características tipicamente rurais, feita de palha de pindoba, com figurantes vestidos a caráter e enfeitada com apetrechos que lembravam a vida simples do campo, saíam pelas ruas da cidade vendendo comidas típicas ao som, principalmente do tambor de crioula. A Casinha da Roça representa o modo de vida das pessoas que moram no interior do Estado. Nesse corso há uma roda de tambor de crioula, com homens tocando instrumentos de percussão e as mulheres envoltas num círculo de danças, rodopiando suas saias estampadas num belo bailado. Carlos de Lima (1996) comenta que esses cordões em São Luís apresentam as mesmas características da diversidade que são vistos nos demais estados brasileiros, onde a festa carnavalesca ganha expressão. Os cordões de bichos: guarás, carneiro, águias, erguidos nas pontas das varas, emblemas dos grupos. Moças e rapazes (também velhos) iam uniformizados (calças lisas e blusas lisas coloridas); todos em fila, um atrás do outro a fazer cobrinhas pelas ruas, cantando alegremente. Essas brincadeiras de cunho popular possuíam a “singularidade desses cordões, era o fato de ocuparem o mesmo espaço, o mais democrático, que era a rua, além de sua alegria e disposição de participar da festa carnavalesca” (SILVA, 2015, p.97). De acordo com Ananias Martins a terceira e última fase do nosso carnaval seria o “Carnaval do Samba” que compreenderia ao período que vai da fundação dos primeiros blocos carnavalescos de São Luís, as turmas de samba até terminarem nos desfiles oficiais das Escolas de Samba. A partir da década de 1920, as diversidades das brincadeiras carnavalescas de São Luís consagram o carnaval do samba,

onde Martins (2000) nos explica como se instalou o processo do carnaval sambista em São Luís.

O carnaval do samba em São Luís inicia-se com a formação das turmas de batucadas e se consolida com a canalização da maioria dos esforços carnavalescos para os desfiles oficiais das Escolas de Samba {...} a princípio não se falava exatamente de samba, mas de batucada, que, a rigor, são sinônimos. Foi como turma de batucada que se fundaram os primeiros blocos carnavalescos de São Luís, ao findar a década de 1920 (MARTINS, 2000, p113).

Tendo uma rápida absorção, o samba alastrou-se na cidade, contribuindo para o surgimento da primeira turma de samba de São Luís, a Turma de Mangueira, situada no bairro do João Paulo, em 1929, conforme seu Paulo de Tarso. Com o surgimento da Turma da Mangueira, segundo Martins (2000) principia-se um processo de abundância do ritmo que se implantou nos diversos bairros da cidade, ora como bloco, ora como turma.

Considerações Finais

O carnaval maranhense apresenta certas singularidades que lhe permitem a sua permanência até hoje. É o carnaval da menina que traz em sua essência uma ligação cultural, histórica e feliz com essa festança cheia de coloridos. A capital do Maranhão tem um carnaval cheio de saudades e nostalgias, mas também um de vivenciar a folia dos tempos de hoje. Houve mudanças incisivas na maneira de brincar o carnaval ludovicense, mas os atores dessa pândega, por sua vez, ressignificaram a sua participação não apenas com expectadores, mas como atores, desempenhando com louvor o seu lado artístico e cultural para a preservação e propagação dessa festa. Nessa riquíssima viagem cultural maranhense cercada por tambores, retintas, corsos e fofões, deixo-me embalar por esses ritmos e coreografias.

E descendo a ladeira em pedras de cantaria, cantarolando os poetas e sambistas que me trazem o deleite d'alma com suas belas canções. Vislumbro o descortinar dessa grande peça, imaginando um desfecho feliz. E plagiando o poeta: "Vou descendo a cidade, pra mostrar pra essa gente, o que é sambar de verdade". Um viva para os mantenedores, artistas e poetas dessa festança colorida e de festejos encantados. Viva!

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eugênio. Não deixe o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a Escola de Samba Favela do Samba. São Luís: UFMA/PREXAE/DAC, 2001.
- CARVALHO, Ozimo de. Retrato de um Município. s/l., s/e., s/d. CARVALHO, Maria Michol Pinho de. Danças populares do Maranhão, - "A Marujada" publicado em 15/04/06. www.culturapopular.ma.gov.br/. Acessado em 12/01/17.
- LIMA, Carlos de. Antigos Carnavais. São Luís: Comissão maranhense de Folclore, 1996. Disponível em: <<http://migre.me/wh1BY>> Acesso em: 02. jun. 2016.
- MARTINS, Ananias. Carnaval de São Luís: diversidade e tradição. São Luís: SNALUIZ, 2000.
- MENDENGO FILHO, Pedro. Chegança: um dramalhão de ritual esquecido. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <www.aldeiamaracu.org.br/cheganca>. Acesso em: 08. Jun. 2016.
- NETTO, J.P. Introdução ao estudo do método em Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- REIS JUNIOR, José Sérgio. Os Desvãos do Alto do Itapecuru. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1980.
- SERRA, Astolfo. Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S/A, 1965.
- SILVA, Fábio Henrique Monteiro. O Reinado de momo na Terra dos Tupinambás. São Luís: Editora UEMA, 2015.
